

A LINGUAGEM COMO REVELADORA DA PRÁTICA DOCENTE: O MÉTODO DA AUTOCONFRONTAÇÃO

Maria Ismênia Lima

(Universidade Estadual da Paraíba - ismenialima302@hotmail.com)

Profª Drª Tatiana Fernandes Sant'ana

(Universidade Estadual da Paraíba - tatianasanta@gmail.com)

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados parciais relativos a uma pesquisa de Iniciação Científica - PIBIC (Cota 2016/2017), intitulada "A importância da autoconfrontação nas aulas de Estágio Supervisionado". Em nossa pesquisa, analisamos, sob a ótica da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), o trabalho docente a partir da relação linguagem e docência, de modo a observar os aspectos do trabalho realizado e do trabalho real do professor. Para tanto, faremos uso de um procedimento advindo das Ciências do Trabalho, denominado de autoconfrontação simples (CLOT, 2006; 2010), pois, por meio dele, o professor autorreflete sobre sua prática, a partir do momento em que se observa ministrando sua aula e pode, assim, refazer o seu agir em sala, explicitar aspectos que envolvem a prática docente muitas vezes não percebidos. No presente artigo, analisamos a fala de uma estagiária acerca de seu desempenho em sala, durante uma aula de intervenção, no estágio supervisionado. Por meio da análise da autoconfrontação realizada, percebemos que em seu discurso há uma prefiguração do trabalho realizado, de modo a enfatizar a prescrição e o trabalho real (MACHADO, 2007). Nesse sentido, defendemos que investigar a sala de aula é, antes de mais nada, refletir sobre um espaço tecido por diversas realidades, posicionamentos e modos de ser. A relação construída em ambiente escolar envolve desde a troca e a dinâmica, em que um fazer é realizado, visando à promoção social e o desenvolvimento de outros indivíduos, até a construção e o melhoramento da própria prática do professor. Esses aspectos são importantes no momento em que se queira observar a sala de aula e o profissional docente.

Palavras-chave: Linguística Aplicada, Estágio Supervisionado, Autoconfrontação simples.

1. INTRODUÇÃO

Refletir sobre a atividade de ensino é perceber que a docência vai além das instruções e das ações visivelmente percebidas em ambiente escolar. O trabalho do professor envolve diferentes realidades e modos de ser, exigindo dessa maneira, que ele saiba lidar com os desafios que a profissão apresenta, de forma que consiga atingir metas e objetivos determinados (ALVES, 2010).

Segundo Machado (2007), o trabalho docente não se resume aos limites da sala de aula, uma vez que exige planejamento antecipado - através da organização e sistematização de conteúdos - fazendo com que o professor se dedique além do momento em que está ensinando. Isso revela que a docência requer uma mobilização integral de si mesmo, uma vez que, além de ter que saber articular métodos e conteúdos curriculares, necessita também seguir as regras e determinações das instituições responsáveis pelo ensino escolar, tais como, as instituições governamentais - instâncias superiores que sistematizam toda a organização escolar - até as regras internas da escola em que pretende lecionar.

Desse modo, métodos e conceitos prontos acerca do trabalho do professor não são definitivos, mas sempre estão sujeitos a ser repensados e reconfigurados. É nesse sentido que Machado (2007) concebe a atividade docente como um enigma a ser desvendado, uma vez que suas conceitualizações provisórias estão sempre se construindo e desconstruindo continuamente por meio das muitas pesquisas realizadas. É nesse sentido que a autoconfrontação simples (ACS), procedimento advindo das Ciências do Trabalho, surge como possibilitador da reflexão e reconstrução do trabalho docente, uma vez que permite que o sujeito observe e analise a própria atividade, de maneira a reconfigurá-la e a explicitar os aspectos visíveis e não-visíveis que a permeiam, bem como a influência deles na realização da aula.

Este estudo, amparado na Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2006), se justifica pela necessidade que há no meio educacional de se desenvolver métodos que possam auxiliar o professor na melhoria de sua prática em sala de aula. É de suma importância que o docente possa ter um olhar crítico acerca da própria atividade, de maneira que perceba os aspectos que podem ser melhorados, de maneira a facilitar sua atuação em sala, de modo a atingir determinados objetivos.

Assim, pretendemos por meio do presente artigo relatar os resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica - PIBIC (Cota 2016-2017), intitulada “A importância da autoconfrontação nas aulas de Estágio Supervisionado”. Através da análise da fala de uma aluna-estagiária acerca de seu próprio trabalho, em uma sessão de autoconfrontação simples (ACS), buscamos observar como a estagiária reconstrói sua atividade, revelando o realizado e o real de seu agir concretizado em sala de aula, de modo a perceber a contribuição da ACS para a reconfiguração da atividade docente.

2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa e de cunho etnográfico, na qual nas palavras de Minayo (2007) possibilita uma descrição detalhada dos objetos que investiga, uma vez que o pesquisador se insere diretamente no ambiente pesquisado, podendo então ter conhecimento do contexto em que os sujeitos da pesquisa estão inseridos, o que contribui para uma maior compreensão dos dados obtidos. Sendo assim, a presente pesquisa foi realizada em dois momentos distintos: 1º: filmagem da aula em uma escola estadual, localizada na cidade de Campina Grande-PB, no mês de outubro de 2016, em uma turma de 9º ano; 2º gravação da ACS na universidade, momento de discussão acerca da aula filmada.

A colaboradora foi uma aluna estagiária, que na época estava cursando o quinto período de Letras-Português, na Universidade Estadual da Paraíba/Campus I. No momento da pesquisa, ela era

aluna do Estágio Supervisionado II, referente ao estágio de intervenção no Ensino Fundamental II. A mesma, juntamente com um colega, desenvolveu uma sequência didática com duração de 20 aulas, acerca do tema “A mulher na contemporaneidade”.

Desta sequência, filmamos três aulas e uma delas resultou nos dados apresentados: primeiramente, realizamos a gravação em vídeo dessas aulas da estagiária, intitulada ficticiamente de Anita; em seguida, realizamos uma sessão de autoconfrontação simples com a colaboradora, acerca de uma dessas aulas. A sessão ocorreu no mês de novembro de 2016 e foi gravada em áudio, com duração de 1h 26 min. A escolha da aula se deu de forma aleatória, de maneira que não comprometa os resultados da pesquisa.

3. O TRABALHO DOCENTE REVELADO NA AUTOCONFRONTAÇÃO SIMPLES

Para compreender a formação, a atividade docente e todo o conjunto de elementos e ações que os constituem, surgiram ao longo dos anos algumas metodologias que foram introduzidas nas pesquisas, com o objetivo de auxiliar os pesquisadores e os próprios sujeitos envolvidos no meio educacional. Dentre elas, destacaremos a autoconfrontação simples, procedimento que se baseia na relação entre atividade e discurso, de maneira a promover a reconstituição do trabalho docente realizado e posteriormente, sua reflexão por parte do(s) sujeito(s).

Logo, essa técnica surge como uma metodologia de análise do trabalho que, influenciada por conceitos das Ciências do Trabalho, mais especificamente da Ergonomia e Clínica da Atividade Francesa, promove não só a reflexão do sujeito acerca do modo em que se dá a atividade profissional, mas também sobre as ações que não são efetivadas e os motivos que corroboram para isso. Nesse sentido, Clot (2010) destaca que a ação desenvolvida por um profissional envolve um complexo conjunto de decisões precedentes, de escolhas preteridas e escolhas aceitas, de acordos estabelecidos entre as instituições, estabelecimentos, os alunos e os demais sujeitos envolvidos em seu contexto de trabalho, temos assim que levar em consideração esses aspectos é essencial para se compreender de maneira mais ampla a profissão docente.

Borghetti et al (2008) apresentam as três fases do método da autoconfrontação propostas por Clot: a autoconfrontação simples (ACS), a cruzada e a extensão ao coletivo de trabalho. Na ACS, o professor tem sua aula filmada ou gravada por um pesquisador, e posteriormente, o material é assistido por ambos. A partir daí, inicia-se um diálogo em que o docente procura descrever sua realidade de trabalho para o pesquisador, tendo como base as ações retratadas nas imagens. Após o término da ACS, o pesquisador socializa as gravações feitas nessa fase com o trabalhador e um

colega de trabalho, dando início à autoconfrontação cruzada. Nesta, o material utilizado para análise são os diálogos produzidos durante as sessões de autoconfrontação simples e, ao longo de todo o processo, o pesquisador conduz a discussão e intervém quando necessário, assumindo assim, o papel de mediador.

Ao concluir-se o processo de autoconfrontação cruzada, a análise estende-se para o âmbito do coletivo de trabalho. Surge então, a discussão pelos vários profissionais em torno das situações percebidas nas etapas de autoconfrontação, a simples e a cruzada, bem como os comportamentos apresentados pelos dois profissionais envolvidos. Segundo Amigues (2004), os coletivos de trabalho dizem respeito ao grupo de profissionais que se relacionam e procuram seguir caminhos próximos com relação a sua prática. Eles são importantes para que o professor compartilhe sua experiência e desafios com seus colegas de profissão.

Utilizados pela psicologia do trabalho e da ergonomia francesa, esses conceitos têm contribuído para as análises das situações de trabalho e para a compreensão da ação docente (LOUSADA, 2004). Todas as etapas da autoconfrontação são de suma importância, uma vez que em cada uma delas há uma contribuição para o estudo da profissão docente. Esse procedimento é revelador de diferentes dimensões do trabalho docente, a saber, o trabalho prescrito, o realizado e o real. Para realizar sua aula, o professor realiza um planejamento, o qual consiste na elaboração do material ou na organização do conteúdo que será utilizado em sala de aula, constituindo-se então, como *trabalho prescrito*, uma prefiguração de suas ações. Nesse sentido, o *trabalho realizado* é compreendido como a atividade concretizada em sala de aula.

Durante a autoconfrontação, o professor tem a possibilidade de falar acerca dos trabalhos prescrito e realizado, de modo a reconstruir o seu agir, evidenciando ações que foram planejadas, mas que não se concretizaram. Essas ações dizem respeito ao *trabalho real*, uma dimensão da atividade do professor que é quase sempre invisível. Segundo Lousada (2004, p. 280) os momentos de diálogo criados pela autoconfrontação “são o local em que o trabalho real poderá emergir, fruto das constatações do trabalhador sobre o que quis fazer mas não fez”, o que propicia a reflexão do docente acerca de sua atividade, bem como o seu melhoramento.

Desse modo, temos que a análise do trabalho docente não se resume a explicação externa feita pelo pesquisador, nem tão somente a simples descrição do vivido pelo professor, mas diz respeito à relação entre explicação e compreensão (CLOT, 2006). Para a realização de nossa análise,

utilizaremos as contribuições da autoconfrontação simples, de maneira a perceber como a colaboradora concebe e reflete acerca de seu trabalho.

4. O TRABALHO PRESCRITO, REALIZADO E REAL DE ANITA

Nesse momento, ressaltaremos as contribuições da autoconfrontação simples (ACS) como um procedimento revelador da prática docente. Como categorias de análise, elegemos os trabalhos *prescrito*, *realizado* e *real*, de maneira a enfatizar na fala da colaboradora as suas principais argumentações e preocupações com relação à (re)construção do próprio agir em sala de aula, bem como a visão que ela tem acerca do trabalho docente. É importante ressaltar que as categorias de análise enfatizadas em nosso artigo estão em alguns momentos imbrincadas.

4.1 Trabalho prescrito

O trabalho docente é marcado pelo planejamento que antecede a ação do professor em sala de aula. É um recurso necessário para a concretização do trabalho de maneira eficaz e proveitosa, tanto para o docente, quanto para o aluno. No entanto, por envolver o dinamismo entre sujeitos, muitas vezes o que foi programado não se concretiza tal como havia sido estabelecido previamente. Nesse sentido, saber lidar com isso faz parte da profissão docente, necessitando que o professor reformule os passos a serem seguidos, de maneira a conseguir ministrar sua aula. Dessa maneira, temos que o agir em sala de aula envolve diferentes modos de trabalho, a saber, o trabalho prescrito, o real e o realizado.

Em nossa análise, percebemos que há, em Anita, uma preocupação em reconstruir sua aula, de modo a visualizar as ações que deveriam ter sido tomadas durante a realização da atividade, mas que não aconteceram. Os trechos que serão analisados a seguir, por exemplo, direcionam a uma questão organizacional do ambiente de sala de aula, tendo em vista a inadequação das ferramentas utilizadas por ela.

Durante a autoconfrontação, Anita revelou que enfrentou problemas técnicos ao ir para a sala de aula, pois havia planejado utilizar em suas aulas os aparelhos técnicos da escola, no entanto, eles às vezes não estavam em condições de serem usados. Acerca disso, porém, ressalta que essas dificuldades não comprometeram o desenvolvimento das demais aulas de estágio, uma vez que ela passou a programar alternativas para o andamento das aulas. Essa preocupação surgiu depois que vivenciou uma situação inesperada, em que planejara algo, mas foi parcialmente impedida de realizar, como podemos ver a seguir:

Fragmento 01:

20. **Colaboradora:** não /.../ aí... uma outra questão que eu ia colocar /.../ primeiro é a distribuição da sala... segundo... *ao invés de eu ter levado... é:: a imagem em folha de*

ofício... teria sido mais interessante se:: a gente tivesse projetado... é: no datashow/ com o datashow... por que aí todo mundo... ve/viria... ou então... veria... ou então se a gente tivesse entregado uma imagem dessa pra cada um... [porque aí eles iam...

21. **PESQUISADORA:** [hum...

22. **Colaboradora:** *é:: verificar melhor /.../ só quê... eu não vou me recordar agora... mas eu tenho quase certeza: que essa aula foi preparada em datashow... só que acontecia isso... de quando a gente chegava na escola... às vezes... é:: ter o datashow ... mas não/não pegar por falta de cabo... ou porque o computador resolvia não funcionar... porque era tudo da escola...*

23. **PESQUISADORA:** hum...

[...]

26. **Colaboradora:** *aí quando chegou na escola... nesse dia o datashow pegou... tudo direitinho... só que: a caixa de som não... porque não tinha cabo... e a gente também não tinha... aí ou seja... tinha a imagem sem o áudio... e a gente ficou sem saber o que fazer porque não tinha... é: outra alternativa... aí a alternativa foi tentar com que os alunos fizessem silêncio /.../ foi super difícil... pra: é: tentar interpretar o vídeo a partir das imagens /.../ como era um vídeo CURto... e como falava sobre agressão contra a mulher... tinha muitas ima/muito jogo de imagem...*

Ao dizer que teria sido mais interessante projetar as imagens em datashow ou entregá-las a cada aluno (trecho 20), a colaboradora tece algumas possibilidades de ações como formas de refazer aquilo que foi realizado em sala, mas que não surtiu o efeito pretendido por ela. Ao elencar essas possibilidades, Anita mostra-se aberta a refazer o seu trabalho, uma vez que reflete criticamente sobre ele, através da observação de aspectos que não deram certo e que precisam ser repensados com relação à aula ministrada.

No trecho 22, por exemplo, a colaboradora fala de dificuldades que existia quanto aos instrumentos (aparelhos técnicos da escola), que poderiam contribuir para que ela pudesse partilhar melhor o conteúdo com os alunos, como destacado em: *só que acontecia isso.../ de quando a gente chegava na escola.../ às vezes.../ é:: ter o datashow.../ mas não/não pegar por falta de cabo.../ ou porque o computador resolvia não funcionar.../ porque era tudo da escola....* A situação relatada revela que Anita ia para a escola pensando em utilizar uma ferramenta, no caso, o datashow, mas, ao chegar, encontrava às vezes dificuldades com relação aos aparelhos técnicos da instituição escolar, por estes apresentarem irregularidades. Ao se defrontar com essa situação, a colaboradora precisava mobilizar-se e pensar em outra maneira de conseguir ministrar sua aula.

Na situação relatada, percebemos que a colaboradora dependia dos aparelhos de vídeo da escola para conseguir ministrar uma parte da aula, já que a aula seria realizada a partir da exibição de um vídeo. No momento de exibi-lo para a turma, a caixa de som não funcionou, devido à falta de um cabo, ficando então o vídeo sem o áudio. Nesse instante, Anita revelou que *ficou sem saber o*

que fazer porque não tinha... é: outra alternativa, já que o prescrito não foi possível de ser realizado, uma vez que existia somente a imagem, o que causou certo nervosismo na colaboradora.

Para conseguir realizar sua aula, a estagiária teve que se esforçar para que os alunos fizessem silêncio e a interpretação do vídeo (mesmo sem som) a partir das imagens fosse possível: *aí a alternativa foi tentar com que os alunos fizessem silêncio /.../ foi super difícil... pra: é: tentar interpretar o vídeo a partir das imagens* (trecho 26). A solução encontrada exigiu um maior esforço por parte da colaboradora, tendo em vista que tinha de manter a turma em silêncio para conseguir explicar as imagens no vídeo.

Impedimentos, como o relatado acima, podem fazer parte da atividade docente, uma vez que ela envolve a dinâmica entre os sujeitos, a realidade cotidiana e os objetos que compõem essa prática. Pensar a atividade docente é saber que ela acontece a partir de um *trabalho prescrito*, o qual é classificado por Pérez (2011) como aquele que é definido por meio de documentos elaborados pelas instituições, constituindo-se então como uma representação do que deve ser o trabalho. No campo educacional, as prescrições correspondem aos manuais, aos planos de aula, aos programas, sequências didáticas, que orientam à prática do professor em sala de aula. Nesse sentido, o trabalho prescrito, orientador dos passos a serem dados por Anita, corresponde à sequência didática elaborada, sob orientação da professora que supervisiona o estágio, é a preocupação da estagiária em cumprir o que foi previamente planejado, no que se refere à utilização do datashow, como ferramenta fundamental para que a aula desse certo.

4.2 Trabalho realizado

Um aspecto importante que faz parte do agir docente em sala de aula, ressaltado por Anita, durante seu trabalho realizado, é a reflexão que faz acerca da escolha das palavras que se apropria para estimular a participação dos alunos, durante a discussão de textos em sala de aula. Em certo momento do vídeo, Anita se auto-observa falando acerca do papel secundário das mulheres na sociedade e, para que a turma participasse, ela começa a fazer perguntas. Inesperadamente, percebe certa dificuldade por parte dos alunos, em dar a resposta pretendida por ela, como pode ser visto no fragmento 02:

Fragmento 02:

43. **Colaboradora:** pronto... essa/essa colocação que eu fiz foi muito: *eu fiz uma pergunta que na verdade nem eu saberia responder.*((ri))
44. **PESQUISADORA:** ((ri)) e por quê você fez?

45. **Colaboradora:** ((ri)) porque assim... *eu queria chegar... é: na resposta que eu dei... né... que/que era uma mulher... mas a forma que eu fiz a pergunta não foi adequada pra que os alunos entendessem o que eu estava perguntando... né? /.../* quando eu falei “quem está por trás de Michel Temer?”... se eu tava discutindo ali a questão... é: dele que/que está no cargo da presidência da república ... e quando eu falei “quem tá por trás...” ... então quem taria por trás seriam as pessoas que ajudaram ele a: ocupar... o cargo de presidente...
46. **PESQUISADORA:** ((ri)) eu fiquei pensando nisso agora...
47. **Colaboradora:** ((ri)) *nunca... nunca que eles iam responder que tinha sido a mulher... né? /.../ só que... é: eu queria chegar na mulher dele... por que?... porque como a gente tava discutindo é: a questão dos espaços que a mulher tem ocupado na sociedade... e do quanto a sociedade ainda não aceita esses espaços da mulher... que a mulher...é: tem conquistado... então eu queria é: chegar... na mulher de: de Temer... em Marcela... justamente pra: discutir essa questão que... daquela imagem que foi passada dela... né... de bela... recatada e do lar... então... o espaço público é do homem... [...]*
55. **Colaboradora:** então assim... realmente foi... não foi legal a pergunta que eu fiz de forma alguma /.../ não foi bem construída e: não/não: não tinha como chegar... é: na resposta que eu queria né... não ia atingir o meu objetivo de discussão /.../ e é tanto... que eu vou e... não fico: perguntando tanto... já dou a resposta... justamente porque eles não chegaram aonde eu queria... e eu não sabia mais... é: reformular essa pergunta pra: poder... é: trazer Marcela como resposta...

Em diferentes situações em sala de aula, o professor necessita adaptar sua fala para conseguir ser compreendido, ou seja, precisa mobilizar-se para atingir determinado objetivo. Assim, temos que a forma como Anita fez a pergunta foi inadequada, ao dizer *eu fiz uma pergunta que na verdade nem eu saberia responder*, ocasionou num não entendimento por parte dos alunos acerca do que foi perguntado *eu queria chegar... é: na resposta que eu dei... né... que/que era uma mulher... mas a forma que eu fiz a pergunta não foi adequada pra que os alunos entendessem o que eu estava perguntando... né* (trecho 45). Esse agir revela o comprometimento da futura docente, que ao encontrar um problema em sua atividade, tem a consciência que precisa tentar resolvê-lo, de modo a não prejudicar o andamento da aula. Desse modo, na situação relatada, por não conseguir a resposta almejada por parte dos alunos, e por perceber que eles estavam com dificuldades em sua formulação, resolve ela própria dar a resposta, como forma de solucionar o problema.

Temos nesses trechos que a linguagem é um instrumento de suma importância para a realização da aula e também para o relacionamento entre professor e aluno. Saber adequá-la de acordo com as situações ou com os objetivos torna-se essencial para que aprendizagem, sendo que, no caso de Anita, o problema não foi uma inadequação com relação à linguagem, mas uma má formulação de uma pergunta, o que resultou no não entendimento do alunado, durante o trabalho realizado, e que só percebido durante o procedimento da ACS.

4.3 Trabalho real

Em relação ao ambiente de sala de aula, podemos perceber, no fragmento 03 a seguir, que Anita opta por reconstruir seu trabalho em sala de aula, discutindo acerca da organização da sala. Durante a ACS, a colaboradora, ao ver sua imagem ministrando a aula, segurando alguns cartazes (tamanho A4) de mulheres desempenhando várias funções na sociedade, prioriza aspectos do trabalho real, conforme visualizado a seguir:

Fragmento 03:

12. **Colaboradora:** pronto... assim... é:: dessa primeira: discussão né... dessa primeira imagem que é apresentada /.../ primeiro... a distribuição da sala... começar por aí...
13. **PESQUISADORA:** hum
14. **Colaboradora:** [porque a sala tá em fila...
15. **PESQUISADORA:** [hum
16. **Colaboradora:** e como é uma discussão: que tá se mostrando imagem... então eu acho que teria sido mais interessante se a sala tivesse: em círculo... pra que... até porque... embora... é:: não se tava trabalhando (incompreensível) com debate... mas tava todo mundo participando da discussão... todo mundo falando... cada um colocando: se colocando né?... colocando seus posicionamentos /.../ então se fosse em círculo era melhor... tanto PRA: eu ouvi-los... [quanto para eles ouvir um ao outro...
17. **PESQUISADORA:** [hum
18. **Colaboradora:** porque é tanto que em alguns momentos eu precisava... é: repetir o que alguém tinha falado pra que os que tavam mais na frente ouvissem... ou *até me/me locomover pra o final da sala... pra quem tava lá atrás... vê... no caso da imagem... e: a/a: a medida que eu vou lá pra trás eu deixo os da frente:: é: sem/sem essa percepção... sem esse contato...* então o círculo... é: tornaria:: o trabalho mais dinâmico e: e/e a participação assim mais... integrada...

Através do fragmento acima, diagnosticamos que, acerca do trabalho real, a turma estava participativa com relação à discussão, entretanto, a organização da sala, das carteiras, segundo Anita, dificultou uma maior participação entre os alunos, conforme revela o trecho 16. Além disso, Anita aponta outro problema quanto a sua posição em sala de aula: *até me/me locomover pra o final da sala... pra quem tava lá atrás... vê... no caso da imagem... e: a/a: a medida que eu vou lá pra trás eu deixo os da frente:: é: sem/sem essa percepção... sem esse contato* (trecho 18). Segundo a colaboradora, ficar em pé na frente dos alunos mostrando os cartazes impossibilitava a visualização por parte dos discentes que se encontravam na parte de trás da sala, o que, na sua ótica, necessitava o seu deslocamento até lá. Entretanto, ao fazer isso, ela deixava os alunos da frente sem visualizar as imagens, o que provocou, nela, outro desconforto.

Nessas duas ações, verificamos a preocupação da colaboradora, na ACS, em (re)integrar, (re)construir seu trabalho desenvolvido em sala, para torná-lo mais eficaz e dinâmico para todos alunos, o que, conseqüentemente, a deixaria mais satisfeita com sua ação docente, pois reconduziria seu agir individual em prol da ação coletiva de um grupo. Pensando nisso, fazemos menção a Medrado (2011) ao ressaltar que a atividade de ensinar é uma forma de agir que interfere no

percurso educacional do outro, de modo a auxiliá-lo em sua busca por aprender, preocupação essa, sinalizada por Anita ao rever a distribuição das cadeiras, durante seu trabalho realizado.

Durante a aula filmada, outro aspecto importante destacado pela colaboradora é o momento em que ela reconhece que a ACS contribuiu para revelar detalhes em sua prática de ensino, como o mau uso de ferramentas, que poderia ser modificado, mas que, durante o trabalho realizado, não foi percebido. Isso pode ser constatado nos trechos que seguem:

Fragmento 04:

40. **Colaboradora:** e uma outra solução também que seria... *já que a gente não tinha projetado... nem que tinha pra todo mundo... então... seria mais viável... ao invés de eu tá mostrando assim lá na frente... ter passado... que fosse passando de um pra o outro... e assim... isso vai se repetir em todas as imagens que eu vou apresentar /.../ nenhuma eu vou fazer isso... de: de dar pra eles e: pra que eles passem...*
41. **PESQUISADORA:** no dia você notou isso?
42. **Colaboradora:** não... tô notando agora /.../ no dia de forma alguma... nem/nem depois... só agora... que eu tô percebendo ((ri))

Percebemos, com a leitura desse fragmento, que a colaboradora sugere que os cartazes deveriam circular individualmente entre os alunos, reforçando o que havia sinalizado no fragmento 03, em que ela destacar o modo como os cartazes foram apresentados. Desse modo, notamos a angústia de uma professora que está se autoanalisando, durante o trabalho real, percebendo que o não aconteceu e os impedimentos que dificultaram a boa efetivação de sua ação. Por meio do fragmento 04 observamos que ao sugerir mais uma solução para o trabalho com as imagens, Anita é questionada pela pesquisadora se havia percebido esses detalhes acerca da melhor distribuição da sala, criando condições mais favoráveis ao ensino, ela responde que não (trecho 42). Através desse trecho, percebemos o procedimento da autoconfrontação simples como algo que possibilita a reflexão do sujeito acerca de si mesmo e também a forma como o seu trabalho foi desenvolvido, podendo modificar determinados aspectos em seu agir.

Nesse sentido, a ACS propicia um novo olhar do sujeito para sua prática, de modo a repensá-la e a transformá-la, assim como evidencia Lousada (2004, p. 280) “perceber as coisas de outra maneira é ao mesmo tempo adquirir outras possibilidades de ação em relação a elas”. Ao olhar-se de outra forma, isto é, assumindo outro lugar, o de observador de sua própria prática, o docente consegue vislumbrar outro agir, marcado por ações que poderiam ter sido realizadas, mas que não aconteceram devido a sua falta de percepção.

As questões levantadas por Anita com relação ao trabalho com os cartazes e acerca da organização da sala correspondem ao *trabalho real*, que, corroborando com Bastos & Andrade

(2011), diz respeito às reflexões e análises feitas pelo professor acerca do que poderia/deveria ter acontecido na realização da aula. Nesse sentido, a colaboradora refaz o seu trabalho, uma vez que reflete sobre novas possibilidades para a aula que ministrou. Assim, a configuração sobre o *trabalho real* só é possível por meio da visualização do que realmente aconteceu durante a aula, do chamado *trabalho realizado* (BASTOS & ANDRADE, 2011), que, por sua vez, foi desenvolvido a partir do planejamento das aulas, do que autores intitulam de *trabalho prescrito*.

5. CONCLUSÕES

A partir das análises de trechos selecionados da sessão de autoconfrontação simples, percebemos que Anita reconstrói o seu agir em sala de aula e reflete criticamente acerca dele. Nesse processo de autoanalisar-se, a colaboradora aborda aspectos importantes de sua atuação, tomando por base os trabalhos prescrito (planejamento), realizado e real, de maneira que suas preocupações e angústias são perceptíveis, causadas principalmente por falta de experiência com a profissão e o ambiente de sala de aula, uma vez que ela ainda estava em processo de formação.

Em linhas gerais, podemos ressaltar alguns aspectos que são bastante relevantes no que se refere ao trabalho de Anita, enquanto professora iniciante. Primeiramente, com relação ao uso das ferramentas de ensino pela colaboradora, percebemos que a mesma apresentou dificuldades em sua utilização. Essas dificuldades estão relacionadas com sua inexperiência com relação ao trabalho de ensino, uma vez que ela ainda estava em processo de formação. Acerca das ferramentas, é importante ressaltar que elas são um elemento de suma importância para a realização da atividade do professor, estão a serviço das técnicas de ensino, o que significa que cada professor deverá adequá-las ao seu modo de ensinar.

O segundo aspecto a ser ressaltado em nossa análise diz respeito ao momento que Anita estava vivenciando, o Estágio Supervisionado, o qual é compreendido como uma etapa marcada por momentos de muita aprendizagem, uma vez que tem o estudante tem a oportunidade de ministrar aulas, aliando teoria e prática. Nesse sentido, a autoconfrontação surge como um procedimento que possibilita a reflexão acerca do agir do sujeito, de modo a revelar os aspectos observáveis ou não que envolvem sua atividade. A partir disto, ele poderá modificar sua prática, de modo a desempenhá-la de maneira mais eficiente. Ao visualizar os pontos positivos e negativos de sua prática, Anita tem a oportunidade de melhorá-la, contribuindo para que consiga desenvolver um trabalho em sala de aula mais eficiente. Desse modo, verificamos a importância da autoconfrontação simples como um procedimento que pode auxiliar no processo de desenvolvimento das práticas docentes e da formação dos professores.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Wanderson Ferreira. O trabalho docente (re)visitado. In:_____. **O trabalho dos professores: saberes, valores, atividade.** São Paulo: Papyrus Editora, 2010, p. 37-74.
- AMIGUES, R. Trabalho do professor e trabalho de ensino. In: MACHADO, A. R (org.) **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva.** Londrina: Eduel, 2004, p. 35 - 53.
- BASTOS, A. C. V; ANDRADE, L. H. S. Aspectos do Trabalho Real na voz de uma professora de Língua Portuguesa. In: MEDRADO, B. P.; PÉREZ, M. (Orgs.) **Leituras do Agir Docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva.** Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 203-231.
- BORGHINI, Carmen I. B. (et. al.). Abordagens reflexivas e os procedimentos de autoconfrontação: compreendendo o trabalho do professor. In: CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes (Org.) **Estudos da Linguagem à luz do Interacionismo Sociodiscursivo.** Londrina: UEL, 2008, p. 53-70.
- CLOT, Yves. **A função psicológica do trabalho.** Trad. Adail Sobral. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- _____. **Trabalho e poder de agir.** Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.
- LOUSADA, Eliane. Os pequenos grandes impedimentos da ação do professor: entre tentativas e decepções. In: MACHADO, A. R (org.) **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva.** Londrina: Eduel, 2004, p. 271- 296.
- MACHADO, A. R. Por uma concepção ampliada do trabalho do professor. In: GUIMARÃES, A. M. de M.; MACHADO, A. R.; COUTINHO, A. (Org.) **O interacionismo sociodiscursivo: questões epistemológicas e metodológicas.** Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 77-97.
- MEDRADO, Betânia Passos. Compreensão da docência como trabalho: reflexões e pesquisas na/da Linguística Aplicada. In: MEDRADO, B. P.; PÉREZ, M. (Orgs.) **Leituras do Agir Docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva.** Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 21-36.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento.** 10. ed. São Paulo: Hucitec, 2007.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Linguística Aplicada e vida contemporânea: problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. (Org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 85-107.
- PÉREZ, Mariana. A Prescrição no Trabalho Docente: A Voz do professor desvelando práticas e recriando ações. In: MEDRADO, B. P.; PÉREZ, M. (Orgs.) **Leituras do Agir Docente: a atividade educacional à luz da perspectiva interacionista sociodiscursiva.** Campinas: Pontes Editores, 2011, p. 233-251.